

## "A Comunicação como Experiência e como Vivência – alguns apontamentos a pretexto de W. Benjamin"

Samuel Mateus  
Centro de Estudos de Comunicação e Linguagens  
Bolseiro de Pós-Doutoramento da Fundação para a Ciência e Tecnologia  
sammateu@gmail.com

### Resumo

O indivíduo que experiencia é um sujeito que se ensaia, que se forma, que se exercita, que se experimenta (*experimentum*). Os *Essais* de Montaigne dizem-no. A vida como ensaio.

É tendo em conta esta dimensão de experimentação, de exposição ao mundo e ao outro, que a experiência se torna uma conceito que se insere num paradigma comunicacional. Se a experiência for tida como um encontro com o mundo, então ela é necessariamente perspectivada em conjugação com a comunicação uma vez que é a ela que devemos a possibilidade de partilhar, adoptar (e ultrapassar) as fronteiras ou os quadros de sentido que fundam a experiência.

Nas sociedades contemporâneas, uma parte substancial do movimento comunicativo é realizado de forma mediatizada. Como entender, então, o efeito da mediatização da comunicação ao nível da experiência? Tendo como ponto de partida as meditações de Walter Benjamin, expostas fragmentariamente ao longo da sua obra, em torno da *Erfahrung* e da *Erlebnis*, e da sua dicotomização entre uma experiência autêntica e uma experiência inautêntica, propomo-nos refletir sobre a comunicação e a sua mediatização. E procuramos pistas que nos elucidem em que medida a ubiquidade dos *media* afeta a riqueza da experiência comunicativa.

**Palavras-Chave:** *Experiência e Comunicação; Erfahrung; Erlebnis; Walter Benjamin; Filosofia da Comunicação;*

### Introdução

A palavra "experiência" deriva da palavra latina *experientia* a qual significa tentativa. A experiência latina configura-se como investida sobre a realidade, uma diligência ou apropriação do mundo. A derivação etimológica de *experiri* (afetar), por exemplo, é esclarecedora. Encontramos o radical *periri* em *periculum* (perigo) o qual comporta a raiz indo-europeia *Per* a qual designa uma travessia ou uma passagem. *Peras*, em grego, marca precisamente o termo ou o limite enquanto *peraino* tem o significado de ir até ao fim (Lacoue-Labarthe, 1986: 30). Portanto, a experiência é etimologicamente uma expedição ou viagem que arrisca e que coloca em perigo. Mas é, igualmente, uma prova a que se escapa e a que se resiste, um viver que retiramos desse encontro entre o indivíduo e o mundo. No fundo, trata-se de uma jornada de que (re) colhemos algo, um perigo do qual recuperamos a própria vida (*ex-perientia*). Como Montaigne, afirmamos que o indivíduo que experiencia é um sujeito que se ensaia, que se forma, que se exercita, que se experimenta. Eis a vida como ensaio (*experimentum*).

É tendo em conta esta dimensão de travessia e de exposição ao mundo (e ao outro) que é necessário relacionar a experiência com a própria ideia de comunicação. Se contemplarmos a experiência enquanto confrontação com o mundo, precisamos de incluir nela o fenómeno comunicacional já que a ele devemos justamente a possibilidade de integrar e partilhar os quadros de sentido que fundam a experiência. O papel da comunicação é, assim, duplo: não apenas possibilita que a experiência seja dotada de um sentido, como, igualmente, permite expressar simbolicamente esses mesmos quadros do sentido da experiência.

Devemos, assim, ao processo comunicacional a oportunidade de fundar colectivamente a experiência. Esta é sempre uma interacção assegurando a comunicação a tarefa de coordenação dos comportamentos de acordo com as regras e pressupostos que conferem relevância à experiência. É porque consiste num deslocamento dos limites e numa exposição simbólica do indivíduo ao mundo que podemos afirmar a natureza eminentemente social da experiência. "Os processos de objectivação simbólica são a maneira como, na espécie humana, os indivíduos respondem aos estímulos que recebem no quadro do mundo intersubjectivo. É porque tem a característica de ser partilhada pela comunidade dos que pertencem a um mesmo mundo, à mesma comunidade do mundo vivido, que a experiência constitui aquilo a que damos o nome de senso-comum, comunidade de pressupostos que torna possível o entendimento (...)" (Rodrigues, 2011: 37).

Deste modo, impõe-se (entre outras possíveis) a seguinte interrogação: de que modo a mediatização da comunicação - a que assistimos de forma bastante acentuada nas sociedades contemporâneas - se repercute na própria ideia de experiência?

Na presente reflexão alinham-se algumas observações que pretendem iniciar um percurso de resposta a esta questão. Sem pretender exaustividade, a nossa indagação em torno da experiência e da comunicação adopta o pensamento de Walter Benjamin. É a partir da sua própria perspectiva sobre a experiência (*Erfahrung*) e a experiência vivida (*Erlebnis*) que delimitaremos a nossa análise. Com efeito, as referências esparsas que Benjamin escreve sobre o declínio da experiência, na modernidade, conformam um lugar excepcional para o exame da experiência da comunicação e das consequências que os dispositivos tecnológicos de mediação simbólica introduziram na relação entre experiência e comunicação.

### 1-Da Experiência à Experiência Empobrecida

A mediatização das sociedades intensificou-se na modernidade. Não apenas a comunicação se tornou progressivamente mais técnica, como também rompeu com as fronteiras espaciais e temporais da experiência. Um exemplo prestante da tecnologização da comunicação é a internet a qual tem na instantaneidade, acessibilidade e na diversidade de conteúdos três dos seus mais importantes contributos.

Podemos interrogarmo-nos acerca das consequências que os *media* modernos possuem na própria compreensão da experiência. Mais, podemos reflectir sobre os efeitos da mediatização do ponto de vista da comunicabilidade da experiência. A experiência tornar-se-á provavelmente mais comungável e universal. Mas de que modo isso a influencia? Urge pensar sobre as transformações que os *media* trouxeram, na sua duplicidade constitutiva: não apenas ao nível da própria comunicação da experiência, como também ao nível da dimensão comunicacional da experiência. Dito de outro modo, é importante apurar em que medida a ubiquidade dos *media* modernos afecta a experiência ou mais exactamente, quais os efeitos da mediatização sobre a comunicação da experiência. A Teoria da Experiência de Walter Benjamin oferece-nos notas fundamentais sobre este assunto. É sobre essas elucubrações que concentramos a nossa atenção.

Embora nos textos de juventude Benjamin se detenha sobre a questão da experiência (*Erfahrung*) (cf. Benjamin, 1996) e se debruce sobre a apropriação kantiana do conceito, é *Erfahrung und Armut*, de 1933, que é determinante para pensar o carácter da experiência moderna. Neste célebre texto intitulado "Experiência

e Pobreza" assistimos ao reposicionamento crítico de Benjamin. O que aqui está em jogo não é uma abertura da experiência mas precisamente o seu oposto: uma retracção da experiência que lhe confere um carácter pobre, incipiente e exaurido (Benjamin, 1999a). Este texto irá marcar toda a discussão subsequente acerca da experiência e levará Benjamin a declarar uma verdadeira crise da experiência moderna (Benjamin, 1992: 28). A "decadência da experiência" (Benjamin, 1999a : 731) prende-se com a crise da transmissão que interrompe a continuidade do saber e das memórias. Benjamin identifica a I Grande Guerra como esse evento monstruoso onde a experiência subitamente se arruinou. Os soldados regressaram em silêncio e o mundo calou-se, o silêncio da experiência estacando a transmissão de saberes entre gerações, interrompendo a autoridade advinda da senectude e a grandeza do exemplo.

A pobreza da experiência significa que os homens têm de começar de novo, é uma experiência esvaziada. O indivíduo moderno "é como um recém-nascido nas fraldas sujas do presente" (Benjamin, 1999a: 733). O empobrecimento da experiência traduz-se na carência de uma temporalidade que permita inscrever várias gerações, versa uma míngua da formação (*Bildung*) válida para toda a sociedade. Regista-se, assim, uma "atrofia da experiência" (Benjamin, 1999: 316). Afogada na contemporaneidade, as sociedades modernas, de massas heterogêneas, sociedades de cidades industrializadas, revelam uma realidade pobre em conteúdo quando comparada com as sociedades tradicionais: em vez da preservação da tradição (poesia épica, as narrativas, os provérbios), assiste-se ao depauperamento de um passado comum a ser transmitido às gerações vindouras. "Pobreza da experiência. Isto não significa que as pessoas desejem uma nova experiência (...). Nem que sejam ignorantes ou inexperientes. Pelo contrário. Elas «devoraram» tudo, cultura e povo, e ficaram tão saciadas que as esgotou" (Benjamin, 1999a: 734).

#### 1.1 A Incomunicabilidade da Experiência

Walter Benjamin relaciona o crescente empobrecimento da experiência com o declínio da comunicabilidade da experiência. A faculdade de transmitir e partilhar experiências através da comunicação foi particularmente atingida. Benjamin fala a esse propósito do progressivo desaparecimento da narração. "A arte de narrar está em extinção. É cada vez mais raro encontrar pessoas que saibam narrar qualquer coisa com correcção (...). É como se uma capacidade que nos parecia inalienável, a mais segura de todas, nos tivesse sido tirada: a capacidade

de trocar experiências" (Benjamin, 1992: 27). Como escreve Benjamin em "*Der Erzähler*", a comunicação da experiência é cada vez menor (Benjamin, 1992: 31). Com o enfraquecimento da narrativa, é a própria forma artesanal da comunicação que se fragiliza, uma comunicação que relata e relaciona, que vincula narrador e ouvinte, uma comunicação inscrita na experiência dos homens e decalcada da sua vida. É, assim, estabelecido um paralelismo entre o declínio da arte narrativa e o declínio da comunicabilidade da experiência.

A incomunicabilidade da experiência assenta nas transformações que as sociedades modernas sofreram, nomeadamente, o surgimento de uma Indústria Cultural. Com efeito, em sintonia com Adorno e Horkheimer (1944), Benjamin sublinha que o valor da nossa cultura é irrisório quando ela surge divorciada da experiência. A pobreza da experiência traduz uma pobreza da experiência humana em geral e da vida social, em particular quando se vêem confrontadas com uma experiência de cultura simplificada desligada da tradição. "E para as pessoas que cresceram cansadas das infinitas complicações da vida quotidiana, e para quem o objectivo da existência se parece ter reduzido ao mais distante ponto de fuga de um horizonte interminável, deve ser um tremendo alívio achar um modo de vida em que tudo é resolvido da forma mais simples e confortável" (Benjamin, 1999a: 735).

### 1.2 A Informação e os Media

Para esta situação muito contribui a mediatização da comunicação a qual se caracteriza pela abundância e empolamento de informação, condicionando, deste modo, pela sua rapidez, imediatismo e síntese, a formação da experiência. Com efeito, Benjamin avalia a imprensa e a informação como factores que contribuem para o empobrecimento da experiência. Os princípios da informação jornalística (novidade, brevidade, clareza) contribuem para um distanciamento entre informação e experiência. A assimilação da informação, é argumentado, não visa a integração como parte da sua experiência. A informação não penetra nos domínios da tradição, é apenas o reportar de factos imediatos de uma realidade em ebulição. Ela carece de uma dimensão experiencial e é nessa medida que contribui para uma progressiva atrofia da experiência. "Onde existe experiência [*Erfahrung*] no sentido estrito da palavra, certos elementos do passado individual combinam-se na memória com matéria proveniente do passado colectivo" (Benjamin, 1999a: 316). Pelo contrário, a informação é de rápida assimilação opondo-se ao tempo da experiência que se caracteriza por ser lento.

Segundo o ensaísta alemão, o jornalista é a antítese do narrador: não deixa a sua impressão nos acontecimentos

sendo a sua experiência pessoal repelida da notícia. Deste modo, não autoriza a fluidez e força seminal da experiência e da comunicação rica. "A informação só é válida enquanto actualidade. Só vive nesse momento, entregando-se-lhe completamente, e é nesse preciso momento que tem de ser esclarecida. A narrativa é muito diferente; não se gasta. Conserva toda a sua força e pode ainda ser explorada muito tempo depois" (Benjamin, 1992: 35). A informação, porque é esclarecedora esgota-se no instante da actualidade; ela não interpela o prosseguimento da relação entre o indivíduo e jornalista. Falta-lhe, de acordo com Benjamin, uma forma germinativa capaz de alimentar a experiência e de a suportar no tempo.

### 1.3 Experiência Vivida

É apenas em 1939 que Benjamin encontra o termo para definir a experiência empobrecida da modernidade: vivência ou experiência vivida (*Erlebnis*). Em "*On Some Motifs in Baudelaire*" encontramos a descrição da vivência como traço fundador da experiência moderna. Incapaz de conectar as gerações, a experiência moderna apreende sobretudo de forma fugaz, extemporânea e fugidia. Ao contrário de uma experiência autêntica (*Erfahrung*) e plena fundada nas ideias de tradição, narração e comunidade, a vivência (*Erlebnis*) centra-se no indivíduo, na consciência e na percepção isolada. Daí que a poesia lírica de Charles Baudelaire seja considerada por Benjamin o lugar de eleição de um elogio da vivência. Deixando para trás a poesia romântica, o poeta francês inaugura uma nova lírica das vivências inspiradas na multidão, na diletância urbana, no trabalhador industrial e nas largas avenidas das cidades. A poesia baudelaireana é uma escrita atenta ao vazio das vivências urbanas, ao hedonismo sensorial (as montras, os espelhos, os odores, as cores que compõem a quadricula das grandes avenidas), à vida quotidiana das gentes, e à errância do *flâneur*.

A vivência é, pois, essa experiência característica do indivíduo moderno. A modernidade, sacudida por sucessivos choques (estéticos, políticos, culturais), é dominada pela sucessão de vivências não permitindo senão um lugar marginal à experiência inteira, comunitária, inter-geracional. As vivências consagram a primazia da existência, do viver aqui e agora, de uma consciência só imersa no bulício da vida moderna. Sem conhecimento acumulado e uma experiência comunicada, a modernidade enfatiza o vivenciar absorto de uma consciência individual que tudo recolhe sobre si. Como comentam Lima e Magalhães (2010: 151): "as novas formas de sociabilidade e de trabalho no espaço urbano moderno eram incompatíveis com a transmissão

das experiências entre as gerações (*Erfahrung*), favorecendo as vivências estritamente individuais (*Erlebnis*), a experiência inautêntica. Assim sendo, o modo de conhecimento na cidade moderna não é mais a experiência, que se remetia à memória pessoal e colectiva, que engajava o sentimento e a reflexão. Ao contrário, predomina agora a vivência que repousa na atenção distraída – uma forma de conhecimento passivo, difuso, periférico”. A desmultiplicação sensorial da vida citadina provoca precisamente esse carácter fragmentado. Porque não é fruto de uma transmissão colectiva, Benjamin entende a vivência como uma experiência que rompendo com os fundamentos colectivos e o valor do exemplo apenas se pode referenciar a partir da sua ancoragem subjectiva, singular e particularizada. E é nesta medida que a vivência se coloca como uma experiência isolada (Benjamin, 1999: 317), ou se quisermos, uma experiência atomizada e descontínua. Uma experiência andarilha que se imobiliza apenas enquanto vivência indiscriminada. Walter Benjamin elabora, assim, uma tipologia da experiência claramente hierarquizada onde a *Erfahrung*, ou experiência, é sobrevalorizada face à *Erlebnis*, ou vivência. Ele identifica na modernidade uma abundância de vivências que tendem a estrangular a força germinativa da experiência. É por esse motivo que a vivência traduz, de acordo com o ensaísta alemão, uma experiência depauperada. Ela é descrita como sendo desfalcada das memórias e tradições. A experiência vivida moderna é incapaz de acumular novamente um fundo experiencial colectivo reduzida que está na sua riqueza comunitária. O deslumbramento e o ritmo acelerado das metrópoles são dois dos factores para o empobrecimento da experiência. Um outro é o tipo comunicação que impera na modernidade: uma comunicação liderada pela sua mediatização e pelo atomismo da informação.

### Conclusão

O percurso argumentativo pretendeu reflectir sobre os laços entre comunicação e experiência a partir, especificamente, das considerações benjaminianas em torno da experiência e da modernidade. Expusemos, de forma abreviada e em pinceladas rápidas, a Teoria da Experiência de Walter Benjamin. Deixámos de lado, por questões de concisão, outras contribuições valiosíssimas no campo da *Erfahrung* e *Erlebnis*, como por exemplo a de Dilthey ou James.

O que nos interessou, em primeiro lugar, foi sublinhar como Benjamin associa a comunicação moderna à experiência vivida (*Erlebnis*). A comunicação, sobretudo em *Erfahrung und Armut*, não se coloca do lado da experiência autêntica, da comunidade, da tradição mas sobretudo de uma experiência inautêntica, vivida,

fragmentada, pautada pela cadência solitária das vivências. A teoria benjaminiana da experiência moderna não autoriza uma perspectiva que tenda a considerar a comunicação como condição incontornável da experiência. A afinidade entre comunicação e experiência parece ser sobretudo a de uma mera transmissão entre gerações, de uma certa comunicabilidade da experiência. Ao fenómeno comunicacional não parecer ser atribuído nenhum papel preponderando na própria constituição da experiência plena (*Erfahrung*). A comunicação é, sobretudo, associada ao enfraquecimento da experiência e à vivência (*Erlebnis*), em especial, na sua faceta mediatizada. As referências à informação (face à narração), bem como o papel da fotografia e do cinema na dissolução aurática, confirmam esta hipótese.

Embora suponha que a experiência tenha de ser partilhada, Benjamin interpreta a modernidade a partir justamente da ideia da incomunicabilidade da experiência. É nessa medida que ele fala em vivência em contraponto à experiência, a *Erlebnis* como única (e decadente) alternativa à *Erfahrung*. De certo modo, todo o pensamento de Benjamin é atravessado não apenas por este trajecto degenerativo da experiência, como também por um percurso que coloca a mediatização da comunicação no centro do empobrecimento da experiência. Com efeito, o declínio da experiência, no plano estético, pode ser associado à perda aura da obra de arte devido à reproduzibilidade técnica, e ao aparecimento de uma sociedade de massas e dispositivos tecnológicos de mediação simbólica que tudo simplificam, nivelam e assimilam. No plano da linguagem, o empobrecimento da experiência tem a ver com a necessidade de resgatar uma linguagem adâmica - a experiência originária – que se obliterou com o uso comunicacional da palavra escrita, o qual supõe um distanciamento por parte do homem do ser genuíno das coisas.

Em suma, a mediatização traz consigo o privilégio da vivência, entendida por Benjamin, como uma experiência depauperada. O vínculo entre comunicação e experiência é, deste modo, esbatido; empalidece face à preponderância das vivências fragmentares da vida urbana moderna.

**Bibliografia**

Adorno, T. W., Horkheimer, M. (1944) *Dialectic of Enlightenment*, Stanford, Stanford University Press, 2002

Benjamin, W. (1992), *Sobre Arte, Técnica, Linguagem e Política*, Lisboa, Relógio d'Água

Benjamin, W. (1996) "Experience", In *Walter Benjamin Selected Writings- Volume 1 (1913-1926)*, ed. Howard Eiland & Michael W. Jennings, Harvard, Harvard University Press

Benjamin, W. (1999), On Some Motives in Baudelaire, *Walter Benjamin Selected Writings, Volume 4 (1938-1940)*, ed. Howard Eiland & Michael W. Jennings, Cambridge, MA., & London: Harvard University Press, 1991–1999.

Benjamin, W. (1999 a), "Experience and Poverty", In *Walter Benjamin Selected Writings- Volume 2 (1927-1932)*, ed. Howard Eiland & Michael W. Jennings Cambridge, Massachusetts and London, Cambridge, MA., & London: Harvard University Press

Lacoue-Labarthe, Phillipe (1986), *La Poésie comme Expérience*, Paris, Christian Bourgois Éditeur

Lima, F., Magalhães S (2010), "Modernidade e Declínio da Experiência em Walter Benjamin", *Acta Scientiarum. Human and Social Sciences*, vol.32, nº2, p. 147-155

Rodrigues, A.D. (2011), *O Paradigma Comunicacional*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian